

A MULHER DA AMAZÔNIA EM BELÉM DO GRÃO PARÁ, DE DALCÍDIO JURANDIR

Alinnie Santos (UFPA/CAPES).¹
Marlí Tereza Furtado (UFPA).²

RESUMO: Nos dez romances do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), podemos perceber a presença marcante de mulheres que, quer assumindo o protagonismo ou não, contribuem de forma decisiva para o desenvolvimento da narrativa. Em *Belém do Grão Pará* (1960), quarto romance do Ciclo romanesco do autor marajoara, temos a presença fundamental de duas dessas personagens. A primeira é D. Amélia, mãe do menino Alfredo, que se empenha na mudança do filho da ilha do Marajó para Belém, a outra personagem importante é D. Inácia, matriarca da família Alcântara que abriga o menino em seu primeiro momento na capital. Este trabalho, portanto, objetiva analisar de forma comparativa as referidas personagens, observando as consonâncias e dissonâncias entre elas, como também a contribuição delas para o Ciclo do Extremo Norte como um todo. Comparar essas duas personagens femininas nos ajuda a compreender as diferentes figurações da mulher amazônica na produção ficcional de Dalcídio Jurandir.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; Amazônia; figuração; Dalcídio Jurandir.

Introdução

O escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979) iniciou no ano de 1941 a sua carreira como romancista, com a publicação de *Chove nos Campos de Cachoeira*, como resultado do primeiro lugar no concurso promovido pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora *Vecchi*³. Alguns anos após a publicação de sua primeira obra foi lançado o seu segundo romance, *Marajó* (1947). Seguido desse, publicou outras oito obras: *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963),

¹ Alinnie SANTOS. Universidade Federal do Pará (UFPA)
alinnie.oliveira@gmail.com

² Marli FURTADO. Universidade Federal do Pará (UFPA)
marlitf@ufpa.br

³ Cf. NUNES, Benedito, et al. **Dalcídio Jurandir**: romancista da Amazônia. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

Primeira Manhã (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978), que compõem o chamado ciclo do *Extremo Norte*.

Esses romances são ambientados na Amazônia paraense e apresentam temáticas que envolvem o homem dessa região. Tais narrativas não são independentes entre si, mas, conforme assinala Benedito Nunes (2009, p.319),

integram num único ciclo romanesco, quer pelos personagens, quer pelas situações que os entrelaçam e pela linguagem que os constitui, num percurso de Cachoeira na mesma ilha [do Marajó] – cidade de sua infância e de sua juventude – a Belém, onde o autor viveu antes de transferir-se para o Rio de Janeiro.

Com exceção de *Marajó*, nove dos dez romances narram a trajetória de vida de Alfredo, desde a sua infância até o início da fase adulta. Filho de uma negra, D. Amélia, e de um branco, Major Alberto, o menino vive os seus primeiros anos na cidade de Cachoeira do Arari, na ilha do Marajó, mas, por se sentir diferente dos demais meninos da localidade e se sentir deslocado por não entender a sua identidade como mestiço, nutre o sonho de ir para a capital paraense, a qual é para ele como uma musa, a fim de dar continuidade aos seus estudos. Sua mãe é quem planeja e consegue levá-lo para morar em Belém para estudar.

Os primeiros romances, então, apresentam o desejo de Alfredo de ir a Belém, seu contato com essa nova cidade e com novas pessoas. Os demais romances mostram a sua desilusão com a capital, já que ele a encontra completamente diferente do que via nos catálogos de seu pai e a nova visão que ele constrói sobre a cidade; mostra também os períodos de férias no Marajó e o abandono da vida escolar. Enquanto o menino cresce, sua percepção do mundo, dos indivíduos ao seu redor e o seu comportamento vão se modificando.

Este trabalho objetiva se debruçar sobre duas personagens do quarto romance do Ciclo, *Belém do Grão Pará*: D. Amélia e D. Inácia, analisando de forma comparativa as referidas personagens, observando as consonâncias e dissonâncias entre elas, como também a contribuição delas para o Ciclo do Extremo Norte como um todo. Comparar essas duas personagens femininas nos ajuda a compreender as diferentes figurações da mulher amazônica na produção ficcional de Dalcídio Jurandir.

O Romance Belém do Grão Pará

O *Ciclo do Extremo Norte*, de um modo geral, é a narrativa da trajetória de vida de Alfredo, o qual começa o Ciclo como um menino morador de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, que sonha em estudar em Belém. Na sua cidade, inicia as atividades escolares, mas alimentando o sonho de estudar na capital. No primeiro romance, *Chove nos Campos de Cachoeira*, há o ponto de partida da trajetória de Alfredo e desde esse momento podemos observar o seu grande interesse pela capital:

Mas Alfredo acorda com aquela cidade cheia de torres, chaminés, palácios, circos, rodas giratórias que enchem o sonho e o carocinho. De olhos abertos para o telhado pensa na sua ida para Belém. Seu grande sonho é ir para Belém, estudar. (...). Então a cidade para Alfredo era um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupa de seda e museus com muitos bichos bonitos. (JURANDIR, Dalcídio. 1997, p. 86)

No segundo romance em que Alfredo é o protagonista – terceiro do *Ciclo do Extremo Norte – Três Casas e um Rio*, vemos a mãe do menino, saindo de Cachoeira e indo até Belém, para fazer os preparativos da viagem e estadia de seu filho na capital. Enquanto D. Amélia ocupa-se com esses afazeres, Alfredo espera ansioso pela volta de sua mãe, como também pelo momento em que irá finalmente morar em Belém:

Alfredo, ao vê-lo, instintivamente riu. Refugiou-se no tanque que transbordava de gado, ou seja, de carocos de tucumã e de inajá. O pai se danava, mas a viagem era quase certa. A mãe, aproveitando a partida do irmão, fora a Belém arranjar casa onde pudesse deixá-lo. Partiria. Belém, enfim. Belém! A lancha defronte, apitando Beleeem... Adeus, Folha Miúda. Adeus, cemitérios. Adeus, ilustre pai. (JURANDIR, Dalcídio. 1994, p. 381)

Quarto romance do *Ciclo do Extremo Norte*, *Belém do Grão Pará*, publicado em 1960, rendeu a Dalcídio dois prêmios: O *Luís Cláudio de Souza*, do Pen Clube do Brasil, e o *Paula Brito*, da Biblioteca do Estado da Guanabara. Nele, Dalcídio rememora o período áureo da borracha e do governo de Antonio Lemos na cidade de Belém em comparação com a decadência social e a pobreza no momento do laurismo.

Nessa obra, Alfredo vai morar em Belém na casa da família Alcântara para dar continuidade aos seus estudos. Pelos aspectos históricos descritos no romance, pode-se inferir que a história se passa na década de 1920, período após o Ciclo da Borracha, dos anos áureos da *Belle -époque* e dez anos depois do fim do governo do intendente Antonio Lemos.

Nesse momento, então, a cidade de Belém vive um período de declínio econômico, o qual pode ser constatado na situação social da família Alcântara, que tinha anteriormente uma posição elevada e de respeito naquela sociedade, frequentando a “corte” do intendente, e nos anos 1920, no governo de Lauro Sodré, aparece desprovida de qualquer resquício do *status* social que outrora ostentara:

Quem lê *Belém do Grão Pará*, como um romance dos Alcântara (o casal Seu Virgílio/Dona Inácia e a filha Emilinha), lê a inteira cidade dos anos 1920, tal como a tinham deixado, após o início da decadência econômica, conseqüente à crise da borracha, que culminara em 1912, as reformas do intendente (prefeito) Antonio Lemos. (NUNES, Benedito. 2009, p. 322).

Essa família é composta por D. Inácia, Seu Virgílio e a filha do casal, Emília. Seu Virgílio, nos tempos de Lemos, havia sido administrador do Mercado de São Brás. Ainda no governo do intendente, conseguiu um simples emprego de funcionário público federal na Alfândega, o que nos aponta para a sua falta de ambição. Com essa família vivem ainda Libânia e Antonio, empregados e crias da casa, que vivem uma situação de miséria e quase escravidão, subjugados pelas vontades dos patrões.

Na casa dessa família, em uma rua sem prestígio (Gentil Bittencourt, 160) e afastada do centro social de cidade, os Alcântara, diversas vezes, relembram o passado e lamentam o “ostracismo” social em que se encontram, tentando de se acostumar com a nova rotina de suas vidas.

A situação dessa família não é de todo ruim, ainda é possível manter, pelo menos em parte as aparências, pois apesar de morarem em uma rua relativamente mal localizada, eles não estão morando na periferia mais lamacenta da cidade, como os

Resendes, “lemistas de cabo a rabo, hoje coitados se acabando numa palhoça dos Covões.” (JURANDIR, 2004. p. 45).

É com essa família, em um momento de decadência social e econômica, que Alfredo vai viver as suas experiências em Belém e os Alcântara são um dos responsáveis pelas impressões que o menino terá sobre a cidade. Se em Cachoeira, a capital era apenas um sonho, nesse momento o menino confronta-se com uma dura realidade, que em nada lembra o espaço idealizado pelo garoto:

E agora entra em cena, como espaço central e com força de personagem, a cidade de Belém, primeiramente musa de Alfredo, a quem aparecera sempre com nuanças de espaço encantado, onde ele poderia realizar sonhos e se distanciaria do cotidiano repetitivo e pobre de Cachoeira, especialmente aquele do quilinho de carne comprado todos os dias no mercado. (FURTADO, Marlí. 2002, p. 114)

Para Alfredo, morar em Belém significava o distanciamento de tudo o que havia vivido no dia-a-dia de Cachoeira e a possibilidade de realizar todos os seus sonhos. É importante que se perceba que o menino não se enxerga como pertencente ao espaço de Cachoeira, fato do qual decorre a sua visão idealizada de Belém.

Como podemos perceber, o romance se centra na percepção de Alfredo sobre a cidade, como também nas suas vivências na capital paraense. Essas experiências, porém, só foram possíveis para o menino por causa da atuação de duas personagens femininas que, apesar de não ocupar o protagonismo na obra, são fundamentais para os desdobramentos do enredo. A primeira é D. Amélia, mãe do menino Alfredo, que se empenha na mudança do filho da ilha do Marajó para Belém, a outra personagem importante é D. Inácia, matriarca da família Alcântara que abriga o menino em seu primeiro momento na capital.

D. Amélia e D. Inácia: duas faces da mulher amazônica

Como já mencionamos, é D. Amélia, mãe de Alfredo, que se empenha com a mudança do filho para Belém. Mesmo sem ser uma mulher instruída e estudada, é ela

quem planeja tudo e acompanha o filho na viagem, entendendo que o melhor para o menino era dar continuidade aos seus estudos na capital.

Nos romances anteriores, há o início do desenrolar do drama de Alfredo. Para ele, a solução seria ir para Belém, como uma fuga de todos os seus problemas. É a mãe, então que coaduna com seu sonho e o ajuda a concretizá-lo. Mesmo que depois o sonho fosse frustrado ao se deparar com a realidade da capital, foi somente por causa da mãe que o menino pôde dar prosseguimento aos seus estudos em outro lugar.

Nos primeiros momentos na cidade, D. Amélia instrui o menino a não se comportar como um “matuto”, não deixando transparecer o seu encantamento diante da cidade de Belém. Essa orientação da mãe condiciona todas as ações de Alfredo durante sua permanência em Belém:

Alfredo pendurou-se pelo cordame e gritou para dentro da camarinha:

— Mamãe, um automóvel!

O carro irrompera na curva do bonde, buzinou entre as lojas e as canoas, desaparecendo.

D. Amélia, abotoando-se, pôs a cabeça fora da camarina e galhofou, baixo:

— Veia e não pie, meu filho. Veja e não fale, seu tio bimba. Se lembra quando caçoava da matutice dos caboclos do Puca desembarcando em Cachoeira? (JURANDIR, Dalcídio, 2004, p.84)

Já D. Inácia, a matriarca da família que abriga Alfredo em Belém, é muito diferente da mãe do menino. Após os momentos áureos que a família vive durante o leimismo, os Alcântara amargam uma vida de pobreza. D. Inácia, inconformada com essa situação, tenta ainda viver como na época de abundância. Mostra-se sempre muito egoísta, de “natureza má”, querendo sempre tirar vantagem de todas as situações em que se encontra.

O momento da narrativa em que podemos notar os contrastes entre essas duas personagens é quando D. Amélia vai até à casa de D. Inácia para fazer os ajustes da estadia de Alfredo com essa família. Enquanto a mãe do menino está preocupada tanto em garantir o conforto do filho, como em mostrar que o menino é educado, a dona da casa apenas se preocupa em saber se ele tende a ser um homem de verdade, mostrando desde pequeno uma natureza má:

Quando d. Amélia, na sua viagem a Belém, foi combinar no 160, por intermédio da prima, a hospedagem do filho, d. Inácia explicava (...). Indagava de d. Amélia se o filho era de bom miolo, bom entendimento e natureza má. D. Amélia inclinou o ouvido, como se não tivesse escutado bem.

— Fique sabendo, minha amiga, que ser de boa natureza não tem valido à maior parte das pessoas deste mundo. A cabeça, sim, de tutano cheia. A natureza? Má. (JURANDIR, Dalcídio, 2004, p. 47)

Esses comentários assustavam D. Amélia, que optou por acreditar que eram apenas gracejos e que D. Inácia não estava falando sério e que seu filho estaria em boas mãos.

D. Amélia ia rir, sorriu, fazendo-se, por um repentino cálculo, misteriosa a respeito do gênio do filho. Estava certa de que Alfredo havia de se divertir com d. Inácia ou detestá-la inteiramente. Seria mesmo de má natureza aquela mulher? D. Amélia, confiada, tinha de deixar o filho estudando, corresse os riscos que corresse. (JURANDIR, Dalcídio, 2004, p. 48)

Assim, D. Amélia aceita correr o risco do que poderia acontecer com o seu filho sob os cuidados dessa senhora de caráter aparentemente duvidoso para que o sonho, tanto dele, quanto dela (a conclusão dos estudos de Alfredo em Belém) fosse finalmente concretizado.

Como vimos, essas duas personagens mesmo não sendo as protagonistas da obras, colaboram de forma decisiva para o desfecho do enredo, como também influenciam diretamente as atitudes e escolhas adotadas pelo personagem principal da obra, Alfredo.

Considerações Finais

O Ciclo do Extremo Norte, projeto literário arquitetado por Dalcídio Jurandir, objetivava levar hábitos e costumes da Amazônia para o texto literário, sem perder o enfoque a descrição de dramas que poderiam estar presentes em qualquer outra obra, possuindo, assim, um caráter universal.

Alfredo é o personagem que protagoniza nove dos dez romances e, então, **grosso modo**, o enredo do Ciclo nos mostra os dramas, peripécias e transformações de tal personagem. No que concerne ao quarto romance, *Belém do Grão Pará*, temos a concretização do desejo do menino em morar em Belém, não apenas para estudar, como também de fugir das suas perturbações de Cachoeira do Arari.

Dessa forma, entra em cena D. Amélia e D. Inácia como importantes ferramentas para o desenrolar dos acontecimentos na vida de Alfredo. A primeira por se empenhar em levar o menino para a capital, mesmo ficando longe dele e não tendo certeza do seu conforto no local escolhido na cidade. A segunda abrigando o menino em sua casa e mostrando a ele que a cidade de Belém não era aquela idealizada por ele.

Além disso, essas personagens são importantes para o Ciclo como um todo, não apenas por apresentarem também os seus próprios dramas, como também por serem as responsáveis pela ida e permanência de Alfredo em Belém, momento importante para as transformações sofridas pelo menino tanto no romance em questão, como nos que o sucedem.

Referências

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. 263 fls. Tese (doutorado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém/Rio de Janeiro: Edufpa/Casa de Rui Barbosa, 2004.

_____. **Chove nos Campos de Cachoeira**. Belém. Cjup/Secult, 1997.

_____. **Três Casas e um Rio**. 3 ed. Belém: CEJUP, 1994.

NUNES, Benedito. Conterrâneos. In: _____. **A clave do poético**. São Paulo; Companhia das Letras, 2009.

_____ et al. **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.